

Museus

Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques MELH

Museu Municipal Álvaro Viana de Lemos MAVL



Exposição

Agricultura Lusitana, MELH Feltrosófia, Steffi Köhne

fevereiro

é o segundo mês do ano nos calendários juliano e gregoriano e o último mês no calendário luni-solar romano, extinto em 46 a.C. . É justamente por ser o último mês do ano que faz com que ele tenha a duração de 28 dias, exceto nos anos bissextos, em que é acrescentado mais um dia.

O nome fevereiro vem do latim *februarius*, inspirado em Fébruo, deus da morte e da purificação na mitologia etrusca.

No dia 14 de fevereiro comemora-se o Dia de S. Valentim, santo padroeiro do amor e protetor dos apaixonados, conhecido como *S. Valentim de Roma* ou *S. Valentim de Terni*. Do pouco que se sabe sobre a vida de S. Valentim, nada o liga à celebração do amor. É no período medieval que surgem as primeiras associações, dando origem ao S. Valentim que hoje conhecemos.

Era prática nessa época os enamorados trocarem cartas ou pequenos presentes a 14 de fevereiro. Também se acreditava que era a 14 de fevereiro que os casais de aves se começavam a emparelhar, preparando-se para o acasalamento na Primavera que se aproximava.

Existem diferentes versões da lenda de São Valentim, mas a que nos chegou diz que S. Valentim era um sacerdote que, numa altura em que o cristianismo ainda era perseguido, se recusou a parar de celebrar casamentos entre cristãos e foi, por isso, morto por ordem do Imperador Cláudio II, no dia 14 de fevereiro, à volta de 270 d.C.

Seja onde for que acaba a figura histórica e começa a lenda, não há dúvida que se trata de um dos santos cujo dia é internacionalmente mais comemorado.



Exposição Agricultura Lusitana / MELH

Este mês destacamos o conjunto de peças «Tudo o que eu preciso /Abrigo/Pimentos da Terra», projeto desenvolvido por Steffi Köhne.

O lenço é um adereço inseparável das mulheres da aldeia de Benfeita. É com elas que se cruza diariamente esta artesã, ela própria radicada na povoação há vários anos e integrada na comunidade local. Aqui, a vida ainda se rege pelos ritmos dos afazeres do campo, onde os habitantes colhem tudo aquilo que precisam para subsistir.

As peças são feitas pela técnica de feltragem manual com água e sabão, feltragem seca e feltragem molhada. No caso deste última técnica, a lã, depois de limpa e penteada, é esfregada, enrolada e amassada à mão com água e sabão – as fibras juntam-se e compactam-se, criando o feltro e a forma pretendida. Quanto ao colar Pimentos da Terra, é feito pela técnica de feltro seco, utilizando agulhas, que permite criar formas tridimensionais. Mas o processo começa com a tosquia das alpacas de Monte Frio, escolhidas pela própria artesã que conhece pelo nome todos os animais envolvidos na produção das peças.

Sabia que ...

O registo mais antigo de uma mensagem do Dia dos Namorados foi um poema escrito por Charles, duque de Orleães, para a sua esposa em 1415, enquanto estava preso na Torre de Londres com apenas 21 anos.

A carta original foi preservada e integra o espólio do Museu Britânico, em Londres.

fevereiro

Peça do mês | MELH Cantarinha dos Namorados

[MELH/2472]

A Cantarinha dos Namorados reproduz a forma de um cântaro de água, mas decorada com apontamentos em alto-relevo e polvilhados com pó de mica, cuja manufatura se mantém pelo menos desde o século XVI até aos dias de hoje.

Com duas asas, uma maior e mais larga, que tem início no bordo e outra, de menores dimensões, na parte interior da cantarinha. O bordo é largo, estreitando um pouco no fundo e alargando depois já na parte mais bojuda da cantarinha. A cantarinha é encimada por uma tampa de formato circular e côncava, de bordo saliente e ondulado

Nas primeiras décadas do século XX era frequente a “cantarinha” ser oferecida pelo namorado à namorada, aquando o pedido de casamento. A peça destinava-se a guardar o dinheiro que a noiva conseguia poupar, com o intuito de comprar um cordão de ouro, que levaria ao altar. Outra versão refere que a cantarinha serviria para guardar as prendas em ouro ofertadas pelos pais da noiva.

Sugestões para ler

Sonetos

De Florbela Espanca [Porto Editora, 2021]

Escritos nas primeiras décadas do século XX, os sonetos de Florbela são a expressão poética da paixão sensual e da confissão feminina. Simultaneamente pujante e frágil, a poetisa revela uma feminilidade intranquila e insatisfeita, imersa na Dor e no Amor



Datas Comemorativas

- 13 de fevereiro – Dia Mundial da Rádio;
- 14 de fevereiro – Dia de S. Valentim;
- 22 de fevereiro – Dia do Pensamento;
- 27 de fevereiro – Domingo Gordo.

Sugestões para ouvir

Grandes Cartas de Amor [RTP]

Programa da autoria da escritora Inês Pedrosa, com a leitura de cartas de amor de escritores, músicos, políticos, pintores, homens e mulheres de múltiplos tempos e lugares.

Disponível em:

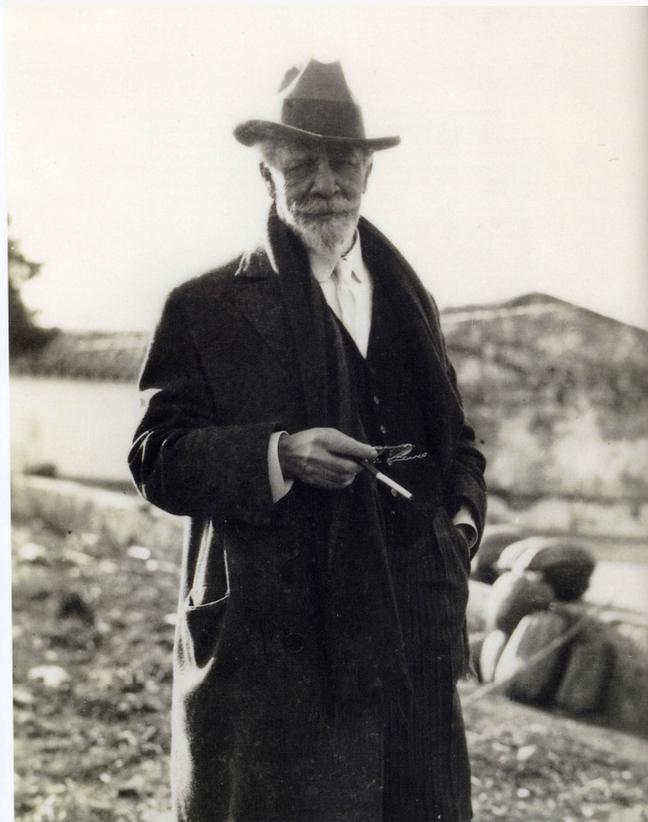
<https://arquivos.rtp.pt/programas/cartas-de-amor/>



Personalidade do mês

Carlos Reis [1863 – 1940]

Carlos Reis nasceu em Torres Novas em 21 de fevereiro de 1863 e faleceu em Coimbra a 21 de agosto de 1940. De origens modestas, teve grande suporte no príncipe herdeiro D. Carlos, que lhe financiou os estudos na Academia de Belas Artes de Lisboa, que frequentou de 1879 a 1889 e, posteriormente em Paris, como pensionista do Estado. Regressou a Portugal em 1893 para dar aulas na Escola de Belas Artes. Foi igualmente um retratista reconhecido, respondendo a inúmeras encomendas. A partir de 1910, constitui com alguns alunos o grupo “Ar Livre”, mais tarde denominado “Silva Porto”, que prolongará a estética naturalista pelas primeiras décadas do século XX.



A partir de 1914, inicia uma fase de descoberta da Serra da Lousã, tendo adquirido um terreno na encosta de Alfocheira. Em 1926 inaugura a Casa da Lagartixa. É nesse espaço que desenvolve a sua pintura de paisagem e colhe inspiração nos usos e costumes locais para as suas obras. Entre Muitas manifestações artísticas que Carlos Reis deixou na Lousã, merece referencia a tela sobre a “Lenda da Fundação da Lousã” exposta no Salão Nobre dos Paços do Concelho,

Peça do mês | MAVL

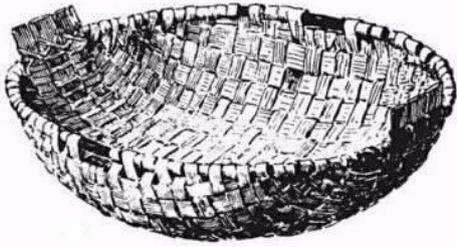
A Lenda da Princesa Peralta [MAVL/994]

Carlos Reis

Óleo s/ tela

Dimensões: 207cm x 434,5cm





“Fevereiro chuvoso faz o ano formoso.”

As terras para sementeira de Primavera devem estar lavradas. No Norte e no Centro semear alface (a transplantar em março-abril), couves, nabo, nabiça, pimento, alho-porro, repolho, feijão e tomate; no Sul, semear abóbora, cenoura, couves, ervilha, pimento, feijão, nabiça, pepino, tomate e melancia. Semear milho de sequeiro nas terras altas. Transplantar as cebolas a colher em maio-junho e as couves semeadas em dezembro a colher em junho-julho. Colher os espinafres, couve-flor e brócolos; plantar batatas (a colher em junho). Podar no minguante. Tratamento das macieiras, pereiras e pessegueiros. Iniciar a enxertia. Trasfegar o vinho. Face à geada, a rega melhora a resistência das plantas. Na horta semear alho-francês, beterraba, cebola, cenoura, coentro, couve-flor, espinafres, etc. No jardim proteger os pés-mães de crisântemos com palha miúda para obter mais estacas. Semear as flores anuais como ervilhas-de-cheiro, gipsófilas, manjericos, cíclames, etc. Colher amores-perfeitos, violetas, etc.

In: Borda D'Água, Editorial Minerva, Ed. 2022

Lenda de Fevereiro (Foz do Douro)

Uma vez o Fevereiro pediu a Março uma tigela de papas; disse o Março:

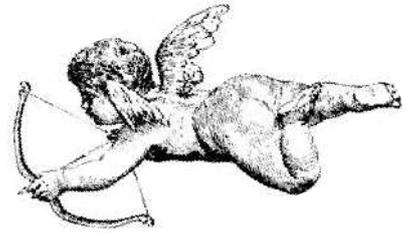
– Só se tu me emprestares três dias.

Fevereiro caiu nessa, e daí em diante ficou com vinte e oito dias e o Março com trinta e um.

In: Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, n.º193, pág. 149, Vol. II, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores, 1883.

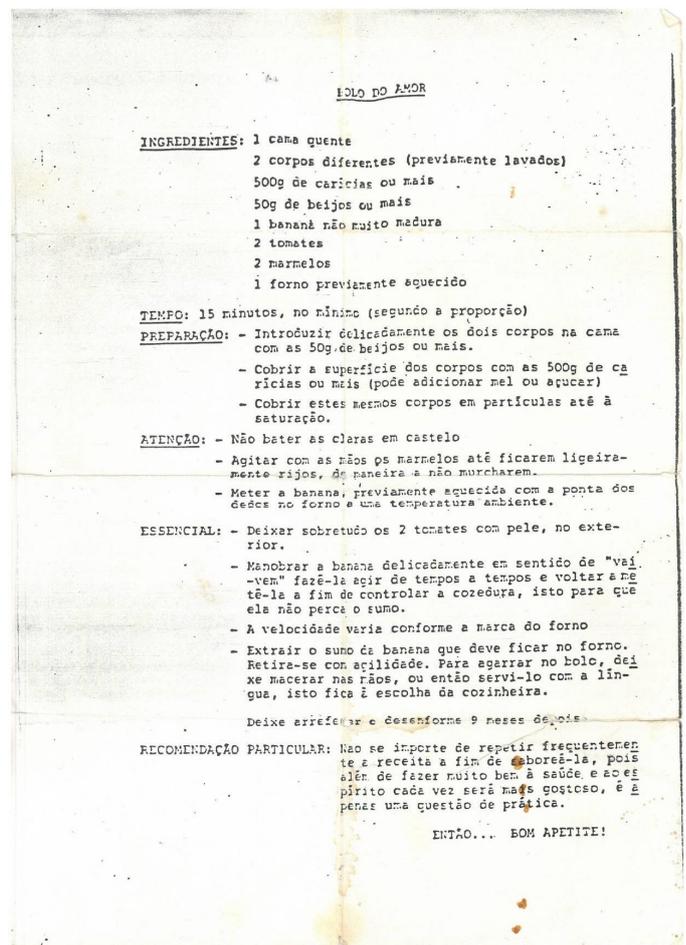
Sabores da TERRA

Bolo do Amor



No tempo em que não havia internet, circulavam de mão em mão as fotocópias que, com conteúdos mais ou menos divertidos se disseminavam por toda a gente. Este mês publicamos uma “receita” que faz parte do arquivo documental do Museu Municipal Prof. Álvaro Viana de Lemos, e que recolhemos numa dessas boas e divertidas fotocópias.

O tema é mais maroto mas o entrudo está aí à porta e toda a gente gosta de uma boa brincadeira. Fica a “receita” para fazer no mês mais amoroso do ano.



Dia de S. Valentim

No dia 14 de fevereiro celebra-se o **Dia de S. Valentim** ou o **Dia dos Namorados**. É um dia especial, em que expressamos sentimentos de amizade, de carinho e de amor por aquelas pessoas de quem mais gostamos, seja entre namorados, seja entre pais e filhos, avós e netos, irmãos, primos, colegas e amigos.

Para celebrares esta data, propomos-te um desafio: construir um postal de S. Valentim a partir de um dos objetos da coleção do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques: o **Espadelouro**.

Para além de ficares a conhecer um novo objeto, esta desafio vai estimular a tua criatividade e imaginação.

O espadelouro era um objeto usado na espadelagem do **linho**, atividade tradicionalmente desempenhada por mulheres. Mas, nalgumas regiões do país, para além deste uso prático, o espadelouro tinha outra dimensão simbólica: era o presente que os rapazes ofereciam às raparigas quando lhe queriam pedir namoro.

Agora o desafio:

Como podes ver pelas imagens abaixo, o espadelouro é ricamente decorado com vários motivos simbólicos, florais e geométricos. Inspira-te neles para criares o teu **postal de S. Valentim**.

Inspira-te, diverte-te e não te esqueças de partilhar o resultado final connosco!



O **linho** é o tecido vegetal mais antigo da história do homem. É feito a partir dos raminhos da planta do linho e é um têxtil amplamente muito utilizado e muito importante antes do algodão e outras fibras.



Para saberes mais sobre o S. Valentim e o Dia dos Namorados consulta:

<https://ensina.rtp.pt/artigo/porque-celebramos-o-dia-dos-namorados/>



AMIGO TAMBÉM É PATRIMÓNIO

Uma grande amiga várias vezes me disse: "Amigo é património." Grande verdade, este conceito leva-me a pensar como o património é importante na nossa vida. Com ele recordamos a infância, pessoas queridas e pessoas menos queridas, lugares, momentos, paisagens, aromas, enfim, memórias. Memórias que em algum momento das nossas vidas marcaram um tempo, definiram percursos. Este património relembra-nos como já vivemos com tão pouco, sem a panóplia de tecnologia que hoje existe e as comodidades que, felizmente, hoje temos acesso.

O património, "nosso amigo" ajuda-nos a perceber e a valorizar o conforto, tecnologia e os acessos que dispomos sem que o valorizemos, porque fazem parte do nosso quotidiano, como por exemplo, o simples gesto de abrir a torneira e jorrar água, melhor ainda, água quente. Este património relembra-nos como, em tempos difíceis, o espírito comunitário e de entre ajuda, era uma mais valia. Com mais ou menos fartura havia sempre vizinhos, próximos e atentos, que até tinham lá casa um panelão de sopa, feita na fogueira, pronta a ser partilhada, um naco de broa, azeitonas e um bom vinho.

Património é lembrar o dia da desfolhada, trabalhoso, mas dia de festa onde se ansiava pelo Milho rei que, era uma oportunidade única para os jovens se aproximarem, fisicamente das raparigas, namoradas e até noivas, pois as convenções sociais eram muitas e a vigilância por parte dos pais apertada.

Isto tudo parece muito arcaico, mas na verdade este Património relembra-nos, como hoje tudo é mais fácil, até mesmo o namoro. Mas, também nos relembra a importância do respeito, do sentido comunitário, do valor da palavra, conceitos e comportamentos intemporais.

É neste conceito intemporal do património que nós, Liga de Amigos do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques (LAMELH), pretendemos atuar. Ligar o passado ao presente é absolutamente essencial para que estes valores sejam uma presença constante na nossa vida, para que tenhamos presente que evoluir é bom, mas sem esquecer o que permitiu esta evolução. O que temos hoje não veio com o vento, é fruto de vidas intensas, dos nossos antepassados. É com as suas vitórias e os seus erros, com a sua tecnologia, cultura usos e costumes que vamos evoluindo, tendo sempre uma referência de comparação, permitindo-nos avaliar se esta evolução é positiva ou negativa e agir em conformidade.

O Patrono deste Museu, o Dr. Louzã Henriques, foi um verdadeiro amigo do Património, apaixonado pela Cultura e Etnografia no seu pleno sentido, este seu sentimento ganhou vida neste Museu renovado que, com muita qualidade, dá vida ao passado, de uma forma interativa, atual e dinâmica juntando o passado e o presente de uma forma harmoniosa e acima de tudo, facilmente perceptível a quem o visita.

É com este sentido cívico da cultura que a LAMELH convida a comunidade a visitar o Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques e a abraçarem este projeto, associando-se a nós e /ou participando nas atividades e eventos, para conseguirmos fazer mais e melhor pelo nosso Museu e Património.

"A cultura de um povo é o seu maior património, preservá-la é resgatar a História, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato"

Nildo Lage

Catarina Santos
(Presidente da Direção da LAMELH)